

Ricardo Almeida



Estação Hipnose

Abas do livro

Ricardo Almeida não é marinheiro de primeira viagem. Ao contrário, timoneiro de outros mares, autor de dois livros anteriores, conduz sua caneta por águas seguras do poetar. E do cantar, músico que é, inclusive tem CD lançado. Com uma consistente experiência poética, apresenta-se pleno de maturidade com o presente tomo.

E vem mais arrojado ainda. Embarca-nos em sua Estação Hipnose. Encanta-nos balançando o pêndulo de seu relógio-livro, em espirais oníricas. Faz-nos viajar pelo tênue fio que separa o real do imaginário.

Esta fina pele fronteira entre sonho e realidade é de uma força surpreendente na obra de Ricardo Almeida. Talvez, mesmo morando há tempos na capital gaúcha, ainda lhe seja forte a linha imaginária que liga o homem à vida e costumes de Sant'Ana do Livramento e Rivera, onde os limites são ultrapassados de modo fluente.

Por característica, valoriza a estética da linguagem e a elegância na construção do verso, mesmo abordando esta temática difícil. Os 58 passos bem marcados desta estação constroem um caminho novo na poesia, muitas vezes batida e pouco debatida. E esse é um grande elogio que se pode prestar ao poeta que faz a todos navegarem pelas galáxias do transe.

Rossyr Berny - o editor

Abas do livro

Ricardo José de Souza Almeida nasceu em Sant'Ana do Livramento/RS, no dia primeiro de janeiro de 1962. É poeta, cantor, compositor e engenheiro civil graduado pela UFRGS. A partir de 1991, passou a colaborar com textos literários para jornais. Foi premiado em diversos concursos de literatura. Em 1993, lançou seu primeiro livro de poesias, *Trança de Passamanes*, pela Editora Grafos. Foi nascente e membro-fundador da Academia Santanenense de Letras, que, em 1995, teve o ato de sua fundação. Em 2003, lançou seu segundo livro de poesias, *A Miragem e os Argos*, pela Editora Movimento.

Em 2005, lançou seu primeiro CD, *Amortotal*, gravado no Estúdio Rastros. Em 2009, concluiu, com nota máxima, Pós-graduação em Literatura Brasileira pela UFRGS. Em 2010, lança seu terceiro livro, *Estação Hipnose*, pela Editora Alcance, e seu segundo CD, *Onírico e Real*, também gravado no Estúdio Rastros.

Em tempo recente, concluiu o livro *Sonetos*, a ser lançado em breve. Está escrevendo o livro de poesias *A Textura das Nascentes*. Tem o show *Luzente* montado para apresentações, com algumas já tendo sido realizadas. O autor compôs mais de 200 melodias e colocou letra em mais de 60 delas. Como engenheiro civil, exerce suas atividades profissionais na CORSAN, em Porto Alegre, onde reside no momento.

Ricardo Almeida

Estação Hipnose



© by Ricardo Almeida

Direitos autorais reservados

Revisão: Gustavo Saldivar e Fernanda Costa

Diagramação e Criação de Capa: Rafael Porto

Imagem da capa: Google

Arquivo digitado e corrigido pelo autor, com revisão final do mesmo, autorizando a impressão da obra

Editor: Rossyr Berny

Contato com o autor:

E-mail: ricardojsalmeida@gmail.com

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:
www.youtube.com e procure por *Editora Alcance*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447e Almeida, Ricardo.

Estação Hipnose / Ricardo Almeida.

Porto Alegre : Alcance, 2010.

86p.

1. Literatura brasileira. 2. Poesias. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

CDD: 869.917

Bibliotecária: Simone da Rocha Bittencourt – 10/1171

ISBN: 978-85-7592-206-4

1985 - 2010
editora
ALCANCE[®]
25 anos de Alcance
Prêmio Jabuti 2008

Editora Alcance - Rua Bororó, 5 - CEP 91.900-540 - Vila Assunção
Porto Alegre/RS - Fone/Fax: (51) 3307 0221 / 3307 0233
www.editoraalcance.com.br - atendimentoalcance@gmail.com
Contatos MSN: editoraalcance@hotmail.com - Skype: editora.alcance

A hipnose é como um sonho
de sequências lógicas,
com mais formato do que um sonho comum;
ainda assim, algo difuso em névoas,
com ênfases eventuais.

A hipnose é como um sonho
que o estado consciente desconhece
e o despertar nada sabe,
até que um dia possa ser lembrado.

Este é um livro de memórias do transe.

Durante longos anos
fui de viagem à Estação Hipnose.

Pertenci a uma infinita constelação
em tardes e noites nuas,
e no desnudo advento das manhãs.

Alguns destes são poemas-relatos.

As citações em inglês são de músicas dos Rolling Stones. *Like a Rolling Stone* é o título de uma música de Bob Dylan, e *to have a girl like her is a dream come true* é trecho de uma música de N. Whitfield e B. Strong, gravada pelos Stones.

Introdução

Neste livro estão poemas inspirados por experiências incomuns. Algo como duas décadas de vivências no estado de hipnose. Só muito depois de iniciadas as viagens transacionais é que tive noção que elas existiram. Pelo que consegui lembrar, indo longe no túnel do tempo, tudo começou lá por 1982. E fluíram, assim, nesses anos todos, sonhos reais, assíduos, incontáveis, e eu nada sabia. Até que vieram, em 1999, os dois júris, e a intensidade dos eventos transacionais ganhou maiores proporções. Talvez esse tenha sido um dos fatores que me fez lembrar do que havia arquivado na memória, e que a consciência desconhecia. Um mundo inteiro, subterrâneo, que veio à tona, e que, face ao conhecimento de sua existência passou a fazer parte de minhas flexões de pensamento, interagindo com meus rumos. Foi com grande esforço, a duras penas, que consegui extrair estas peças de quebra-cabeça, que perfazem os sonhos da hipnose e a realidade. Foram exaustivas correlações entre o real e os estranhos cursos oníricos. Durante anos vivi dois mundos separados: o consciente e o subconsciente. Em parte, se fundiram no instante em que tive ciência do que vivi durante o sono. Foi um espaço povoado de acontecimentos, constatação de um estágio subconsciente onde pairou de tudo, até mesmo o absurdo. Quando lembrado, um passado oculto foi fluindo, e inteirei, deste modo, as peças do mosaico, e situações outrora sem sentido passaram a ter um nexo. Em cada lembrança, uma descoberta.

As ocorrências desagradáveis não estão neste livro. Talvez, um dia, eu as destine a um filme. E porque literatura é prazer, aqui estão textos que escrevi sobre meus relacionamentos no transe com as mulheres. Deste modo foram minhas e pertenci a elas, fazendo amor em diversas viagens siderais. Esses foram os eventos mais frequentes. Regra geral: *sex, sex, sex*. Com cada ninfa, uma distinta e louca história. Elas soltas, dispostas ao sabor,

sabendo que o meu amanhã seria amnésia; eu, vagando hedônico no zênite do sonho. Somado a isto, há o fato de eu ser paranormal durante o transe, o que foi descoberto em uma das vezes que me hipnotizaram. E a paranormalidade me dá a condição de realizar muitos raros fenômenos, entre eles, algumas qualidades para a prática do sexo. Isso aumentou as incursões amorosas. Mas não é meu propósito fazer deste um livro de aventuras sexuais simplesmente, e, sim, expressar a poesia existente em todos esses suaves ou impetuosos encontros. A beleza que há no universo dessas exóticas convergências do querer, esse flutuar entre as galáxias do instinto, esses meandros do prazer. Lembrei de muitos eventos além dos constantes aqui, mas não os transformei em versos porque o Estação ficaria repetitivo demais, e, em outros casos, porque decidi não poetizá-los.

Mesmo após 1999, algumas vezes fui hipnotizado, mas não sei com que frequência. Este bem que poderia ser o livro da loucura, mas os transe foram reais. Ao rever uma antiga amada, ela me disse: “um dia irás escrever sobre o que te aconteceu”. Estava certa. Escrevi o Estação Hipnose em prosa e verso, mas decidi publicar apenas os poemas. Alguns são poemas-relatos, por vezes consistindo no verso distendido em prosa. Talvez o melhor fosse esta obra conter uns quarenta textos apenas, mas o excesso simboliza a overdose de vivências. Penso que o leitor poderá ter ideia do quanto as pessoas são capazes de extrapolar limites em circunstâncias peculiares, inconsequentes. Nesse longo tempo sonhado, esteira estelar de amplas variantes, viajei para onde fui levado em cada acesso ao transe, enlaçado por cálidas estrelas. Fui ao centro das espirais sonoras da Estação, num espaço de sentidos difusos e nudez subconsciente. Nestas páginas há muito das pulsantes noitadas fronteiriças. Foi importante desabafar, e externar em palavras, a lembrança de tantos voos com imprevistas e adoráveis passageiras.

Ricardo Almeida

Ricardo Almeida



Estação Hipnose



1

As ninfas me tratavam feito cão vadio.
Elas me viciaram.
Aguçaram os meus instintos,
fruíram no meu sono,
inocularam no meu transe
a escravidão à beleza,
o vício de tê-las rodando,
uma, e outra, e outra, e outra...
Na mesma noite, elas apareciam,
tão de surpresa que eu não podia ver,
cego, eu me guiava pelos sons e pelo tato,
elas, pelo prazer e pelo instinto.
Depois da festa, me deixavam
desmaiado e sozinho em algum fio
de calçada,
no outro dia, acordado e sem memória,
as ninfas não se aproximavam,
You can't always get what you want,
dormi sem lembrar durante anos,
sou inconstante nas relações,
sou fiel a qualquer olhar de ninfeta.

2

Madrugadas gélidas, alcovas cálidas,
noites incendiadas, calçadas frias,
rodando e rolando,
nu face a peles anônimas
(venha sobre mim, *rider girl*),
like a rolling stone,
tocando estrelas,
às vezes fel, às vezes mel,
nos quatro pontos cardeais,
nas quatro estações
a estação de um enclausurado sonho.

3

Num bosque feérico e onírico
há uma trilha na relva
e o atrito dos galhos nas copas
roça bucolicamente o silêncio.

De uma ninfa é o templo,
ela ocupa o deserto das alas
com seu vestido de tule,
com o dispor dos seus símbolos.

É guardiã das palavras e frases
que eu desconheço
e dão acesso a meu transe,
na ponte do real para o sonho.

Visitam-na muitas gurias,
conseguem no papel a inscrição
do que ao ouvido será dito
levando à travessia de estado.

Depois, elas preparam armadilhas,
cercam e cingem meus passos,
num átimo dão o salto fatal
nas noites que afagam orgias
e exaltam o frêmito da festa.

Num bosque feérico e onírico
há uma trilha na relva.
A bruma cerra os sinais
e no cárcere do transe
só há visão sensorial.
Longe de onde as palavras sibilam,
conjunção de fada e feitiço,
a ninfa se encontra impassível.

4

Descendo a *Calle Sarandi*,
escutando Rolling Stones,
o fluxo lento dos carros,
os bares em plena ocupação,
vou para buscar alguma guria,
a noite é leque de chances,
If you start me up,
vamos ao zênite feliz.

Valquírias, nereidas, garotas,
elas retocam a pintura,
desenham poses ao espelho,
ajustam as vestes sensuais,
dão relevo aos adereços.

Desfilam por *la calle*,
trocam gestos de euforia,
eu as fito sem saber,
elas têm a senha de passagem
p'ra no sonho me prender.

Numa topada, irei com elas,
serão submissão ou sevícia,
stars em quartos de motel,
hermosas em salões de boates,
princesas em banheiros de bares,
ninfas em casas estranhas,
twisters in the night.

5

Escalei o penhasco até o cimo,
no sopé estavas, sentada,
cabelos desfraudando
os cabelos da maresia,
olhar mais longe
que a última linha do mar,
looking way towards cross the sea.

Nos veios da lembrança,
passageira, uma passagem
que, até então, era só tua
e que agora é também minha.

Gozaste tua beleza em meu sonho,
ficaste perdida no mar,
no sopé do rochedo meditavas,
tentavas banir o incompreensível.

Possuíste-me no sono antes,
até que te vi assim,
indagação marítima
mirando vagas longínquas.

Talvez isso: talvez buscassem
compreender,
no encontro dos corpos,
os distintos estados da (in)consciência.

Talvez a paixão fosse a maré
crescendo e te levando,
nereida nas vestes da lembrança
de um selo incomum,
guardado feito água, ou concha,
ou pérola.

6

Pedi
para não ir contigo um tanto de mim,
apenas,
e, sim, eu ficar em ti,
imerso em teu imo.

A noite erguia-se,
e, alheia ao recado dos pássaros
de Shakespeare,
falaste em partir, pós-prazer.
Esperava-te o que não és comigo:
tua fama,
menos saborosa
que a nossa improvisada cama.

Lembrei,
teu bracelete
e nenhuma veste outra
em meu sonho:
Rio Bahia Grande do Sul.

7

Vens e vais, passageira,
e invades as alas do sonho
cintilando a ondulação do prazer,
fruindo o fogo na cútis
alva ou dourada,
incutindo o tato na pele
em seda e veludo.

Vens e vais, passageira,
mas deixas inscrições
na memória da noite,
em face do giro delirante,
em face do sabor reticente.

Em movimento e compasso,
acabas um signo aderido
ao provimento dos corpos,
palpitando o êxtase
até o arrebol entornado,
e o tino louco de ápice
desprende o espaço ordenado,
e o sonho lembra a paixão
que, pedida, se insinua.

Vens e vais, passageira,
e as flores continuam,
e as estrelas prosseguem,
e o mundo se quer mais,
e já o selo é indelével,
e giramos e tudo gira.

Vens e vais, passageira,
e tua flor enlaça,
e eu sonho uma cúpula de sinos,
e tua voz é todo um cântico,
gemendo a conquista do sentido.

Vens e vais, passageira,
e aportas na onírica estação,
feito nauta da volúpia,
feito audaciosa viajante.

Vens e colhes o zênite do sexo,
cada estrela é um pulso
que oscilas em mim,
e voamos com gosto de píncaro
até que vais sem assinar tua presença.

8

Tua flor, que bastante colhi
no tempo do possível,
no tanto do sonho,
acompanha-me na lembrança.

Agora faltas.
Por que não vens?

Aguardo
enquanto a chuva estala,
o sol assola,
ou verte o equinócio.

Há lugar na minha cama.
Depois do abandono,
que pedes que eu te peça?

Volta,
feres com espinho,
mas tua flor é seda de saudade.

9

E uma, e outra, e outra...
As ninfas na ciranda do sexo
instauram o tirante do delírio,
pétalas incandescentes
decalçam feminil fruição
sobre o tom de minha pele.
As meninas de *Firespace*
sibilam frenesis e alaridos,
aspergindo volúpia,
invadindo a cela do sonho,
pulsando a flor que me envolve.

E uma, e outra, e outra...
eu as conheço, nem as conheço,
elas vêm e vão
no prisma
dos olhos apagados da hipnose,
e voam na noite brasil,
raptam-me ao curso sideral,
escrevem mais com o tato
o texto da delícia,
escrevem mais com a voz
a partitura do prazer,
e assim, neste esteio a fio,
passo pela flor de toda ninfeta,
e uma, e outra, e outra...

10

No vergel das ninfas,
depois das flores da luxúria,
sofro solidão.

Eu, que já passei por todas
na estação do transe,
não tenho uma a meu lado
no caminho de volta à realidade.

11

Há fogo nas estrelas,
outrora houve em nosso leito,
vieste como vem o encanto,
tua beleza é um requinte de aura.

Chegaste enquanto eu sonhava,
e mais desejei teu semblante
ao demasiado ímpeto na luz,
tua beleza é um requinte de aura.

Sem que se pudesse revelar,
teu coração esteve em meu sonho,
ficou reticente o que sejas,
tua beleza é um requinte de aura.

Penso num mundo de bem,
penso que assim também pensas
quando assisto à tua imagem na tela,
tua beleza é um requinte de aura.

Perfume de flor noturna,
cristal de regato ao sol,
tudo pode ser por nós,
tua beleza é um requinte de aura.

12

Teus cabelos lisos e negros,
o cetim de tua pele às carícias,
ao meu tato e pressentimento,
na escuridão da cela do transe,
revelavam uma senda de ardentias
a guiarem minhas ávidas mãos,
acariciando no limiar do carinho.

Sensual, em morena formosura,
dançavas um compasso de paixão
tão nova quanto tão aderida,
e ritmados arcos musculares
das pernas modeladas a prender-me
faziam a delícia deslindar-se.

Fomos um encontro de acordes
em notas de um lúbrico canto,
e provaste do afã paranormal,
e provei de tua mina de mel,
cintilando em tom de topázio,
era um lume que eu sonhava,
vertente de cálido tecido,
candente movimento de archote.

Meu toque nômade e peregrino
a percorrer os tornos do corpo
onde em tua ala me abrigavas,
contornava a certeza em seres bela,
integrava-me por certo em tua forma.

Sem teres máscara de adorno
(tida no forte tecer de tua arte)
estavas disposta de cara nua,
e assim, na estação do sonho,
dando curso ao nobre êxtase.

Hoje, dispersa, guardas a porção
de uma mesma porção que guardo,
e que a sorte tenha largo amplexo,
e no feixe vário dos encontros
talvez um dia juntos novamente.

13

Meu anjo, *mi ángel, my angel*,
na primeira vez em que te vi
contemplei a tua tez fascinante,
a beleza das linhas do rosto,
os cabelos castanhos com tons de cobre,
lisos como um feixe de água
pendendo em calma,
e vi a exatidão de tua encantadora imagem
a emanar em nobre harmonia.

Realce adorável do desejo,
estavas postada sobre um estrado
feito divindade em um dossel.

No bar Uruguay-Brasil, tempo depois,
voando na senda subconsciente,
veio a primeira vez que foste minha,
quando viajei ao invólucro de tua cálida textura,
e deste ignição a um sentimento
que estendeu-se, desde então,
em fluxos de paixão.

Numa tarde, no transe, em outro instante,
para abrandar a saudade,
fizemos o amor elevar-se terno e lindo,
compreendido entre o zelo delicado e a delícia,
um ao outro constituindo segmento,
num elo de afeto que até hoje temos.

Nestes dias, na Av. Sarandi,
quando surges, com tua translúcida feição,
vejo o símbolo litúrgico, a escrita gestual,
o estandarte de tuas referências
que busco ler com avidez,
e penso em nós,
e lembro do filho que talvez tenhamos tido,
e imagino comunhão futura,
e considero como a vida é mais hiperestésica
quando imersa em paixão.

Vê, meu carinho, o que colhes em mim,
e vem uma vez mais,
nem que seja como a pouco, só no sonho,
ó meu anjo, *mi ángel, my angel*,
nem que seja só no sonho.

14

E uma, e outra, e outra...
eu já estive com todas
na estação do transe,
e mesmo sendo elas incontáveis,
e existem aquelas que nem sei,
cada uma tem singularidade,
o instinto diverso,
o sentimento vário,
a disparidade de formas,
o diferencial do jeito,
e, assim, eu busco sabê-las,
ainda que me venham
muitas vezes sem nomes
e em sequência desmedida.

15

E vamos rodando
pelo lado a lado da fronteira,
pela tez uniforme das cidades,

e vamos rodando,
bebidas, interlúdios, cor das almas,
e a certeza de uma vida que dá certo.

Comigo quatro gurias,
girando o presente da deusa Noite,
em volta,
o arranjo das vitrines em luz
alçando exóticos matizes,

nas calçadas, o sangue da paz
fazendo a arterial moção
de encontros e louca diversão.

Bate a balada,
la movida nocturna
espraia-se em cada esquina,
no calor ou na bruma
verte o soar de um *rock and roll*.

Digo: *come on, girls*,
vamos tecer a senda girante
da tônica que se deseja.

Depois, n'algum templo de dança,
fletir o tempo do ritmo
na conquista de ser par.

Comigo quatro gurias,
eu nem sei,
mas nesta noite eu vou sonhar,
na estação do transe
elas vêm me amar:

da mais doce à mais perversa
entornam as várias sensações,
provendo a unção de meu corpo
que, despertado, não saberá
ser real o que fora êxtase.

16

Another night,

a música liquefeita em ondas
dá imersão ao pulso da busca
do enlevo em uma boate.

Três garotas bastante jovens
respaldam meu espaço,
belas, até então estranhas,
da primeira vez erram a frase,
na segunda, vão na veia do sonho,
e, assim, vendam meus olhos,
e apaga-se o local.

Elas dizem: “nós te guiaremos
até o andar das estrelas
cintilantes em desconhecida casa”;
e digo, com o verbo da sensação:
baby, now I need you more than ever,
e voamos ao destino.

Lá chegando há outras, *some girls,*
despem meu corpo,
querem despir também a alma,
corre a noite entre sexo e perguntas,
entre a sílaba e o beijo,
e, num ato de entrega,
alguma me oferta a virgindade,
indagam sobre mulheres passadas
e se sucedem na passagem sexual,
uma após outra, e a noite bela flui
no vergel estelar das raptoras.

17

Por vezes, nos tempos verbais,
escrevo no presente o que é passado,
e, se sonho e realidade então se fundem,
o antes no agora é o que vejo
p'ra dizer o acontecido.

18

Em ambientes e visões noturnas,
corpos são cálidos moldes
onde um o outro desenha
nas linhas móveis do amor.

No quadrante de um quarto de hotel,
nenas e *gurias* fronteiriças,
umas brasileiras, outras uruguaias,
têm o meu sonho à deriva,
são p'ra mim o amor sendo feito,
e o que sei delas
dizem as digitais do desejo.

Cada uma ao seu modo variante
quer, da viagem, seu tempo,
Til I float pelas várias amantes,
astronave de curso inconsciente.

19

No balanço da via da noite,
imersos em palpitantes luzes,
os pedidos da pele acendem
face a cidadãos lábios.

As pessoas querem se ter,
rodam através da expectativa,
rolam dados aos fados que venham.

Passeio pelo realce das voltas,
percorro a linha das ruas,
em meu trajeto está o sonho
que advirá da voz das certas
e me nublará os olhos
e fará resplender o ato do sexo,
rodando e rolando por múltiplas ninfas.

20

Avenida João Goulart,
Avenida Sarandi,
a linha que não divide,
o perpassar dos idiomas,
e a noite de altos watts e luxes,
pulsando muito forte.

Leo's Pub, Bar e Noche,
do olhar até a dança,
e daí às primícias do namoro
sobrevém, numa aura, o proveito,
desenvolta adrenalina a espargir.

A noite é um corpo ardente,
estuário de chamas plurais,
é vereda de um sonho iminente
em véu de fogo e seda nua.

Eu, incidente na festa,
misturo-me às frases da senda noturna,
na qual as gurias me farão sonhar
a viagem transacional.

21

Nas vagas da noite,
o circuito amarelo e vermelho
das lanternas dos carros
são tiras incandescentes
na densa fileira do trânsito
da Avenida Sarandi.

Nas vagas da noite,
os seres se lançam
no voo da íris,
cruzando outras vidas.

O flerte prospecta resposta,
o corpo quer ler outro corpo,
afetos querem casar
onde as pessoas se procuram.

Empreendo as minhas conquistas
engendradas no pomo da noite,
e elejo, acordado, alguma bela,
mas, alheias a isso, as belas ninfas
me levam ao transacional estado
e elegem, p'ra mim, o sonho no sexo,
e eu sigo com elas ao sabor.

22

Na girândola do ânimo,
circulations pelo curso das ruas,
movimento, adução venosa,
e bares e boates e as núpcias da noite
acendendo adrenalina.
Composição de brilhos,
muita essência do querer,
roupas de festa
para, com capricho, estar despido
junto à obtida companhia
é o sentido geral.

Brindo à vida disposta ao amor,
habituaado sempre à boêmia,
e entre músicas e *drinks*
as garotas têm planos de prazer,
e me fazem fluir no sonho,
e vêm me amar
nos lençóis da cortina sideral,
numa esteira ampla em luzes tantas.

Life is a party.

23

Da boate ao portão de casa,
do portão à hipnose,
da hipnose ao motel,
ela e suas amigas
levam-me sonhando até o leito
e aviam os teares para a primeira vez dela.

Desnudos, então, na crueza do instante,
recebo-a no ajustar da pele,
hesita um pouco, mas se doa
na floral entrega.
Linda e frágil,
cede p'ra mim a sua virgindade
e mergulho, arremessado,
a romper a cálida seda de vestal.

Parte-se a pétala da pureza,
a veia rubra e quente lhe escorre,
e escorrem gotas marinas em sua testa.

Não concedo separação
e continuamos concêntricos
na transa no transe,
e os planetas fazem elipses
em órbitas matizadas,
e já somos eternos.

24

Meus fenômenos
paranormais na hipnose:
andar por sobre a água,
a reconstituição corporal,
mover objetos com a força da mente,
meu corpo feito pedra,
fazer carros flutuarem no ar,
a imunidade a tiros e facadas,
atravessar grades,
as levitações,
as descargas elétricas pelas mãos,
a dimensão maiúscula do sexo.

Minhas vitórias nos júris,
paranormalidade, verdade e inocência,
uma lição no mundo.
Meu salto do alto do Edifício Panorama,
um salto para a vida e pela vida.

A estação do transe,
sonhos, noites e mulheres.

25

Meu transe chega íntimo
do teu desejo, garota,
meu transe chega íntimo
do teu prazer, guria,
meu transe chega íntimo
da tua libido, *girl*,
meu transe chega íntimo
da tua loucura, *nená*,
meu transe chega íntimo
da tua volúpia, ninfa,
meu transe chega íntimo
do teu êxtase, mulher.

26

Durante os eventos do transe,
em muitas mulheres encontrei carinho,
em outras, encontrei perversão,
oscilando entre suaves e ásperas carícias.

Durante os eventos do transe,
muitas mulheres de mim tiveram carinho,
outras tiveram ímpeto,
oscilando entre suaves e ásperas carícias.

A hipnose era espaço suscetível,
partindo delas ou de mim,
por vezes o *twist* da transa
estive associado
à mão cerrada ou espalmada
que instituiu o pacto na pele.
Os gestos a prender com força
faziam dominação e obediência,
talvez num exótico intuito de conquista
ou forma do instinto entornado.

Quando em curso de feição afável
vinha o terno *twist* da transa
e o toque perfazia a noção da pele,
selada com afagos de brando veludo.

Muitas vezes, nem áspera, nem suave têmpera,
e, sim, o impulso entre os extremos,
o modo intermediário,
um amor de carícias e carinhos
na maneira exata, com exatas nuances.

27

Ninfa, passageira, quando voamos
a uma cósmica região,
e viajo à Estação do Transe,
e viajas às loucuras que ao tino te venham,
e rimamos na viagem do prazer,
pervago sem lembrança futura,
em total incidência subconsciente,
e pervagas solta, livre p'ra fluir,
sem projeções de consequência.

E por te sentires solta, sem condução vigiada,
pois amanhã serei amnésia,
realizas o que teu íntimo dita,
e te faz surpreendente nas direções do amor,
e voas em teus mais exóticos prazeres,
e eu voo também inconsequente
na crueza da vinda fruição,
e, por vezes, em espontâneo curso,
vertemos no ar o instinto animal.

28

Num *link* noturno
a conheço bela feito joia,
entre amigos, violão e liberdade,
ela gera instantâneo desejo.

Após, Boate Mistério, danças,
e não tarda a *poison kiss*,
o mais demorado, selo indelével.

Another night,
o transe, bebidas, a pequena colina,
em minhas mãos
o meandro de seus cabelos,
o dorso nu e sensual que prendo,
a erupção da libido,
I go wild, I go crazy,
assim, na fluência noturna,
o ímpeto superlativo no amor,
a impulsão expandida
que a leva a uma *hospital bed*.

Another night,
em um banheiro de boate,
sexo, pedidos e confidências
no halo consistente do querer.

Em tempos mais recentes,
algumas breves palavras,
um leve toque de mãos,
nestas madrugadas, por aí.

29

No aço da borda das ruas,
no andar crucial de escuras e luzentes ruas,
na orla dos passos,
onde as pulsações se propagam,
na linha dos passeios correntes,
nas fluidas calçadas,
nas esquinas de cursos convergentes,
ela, uma loura sexy, com suas pares,
estendeu o laço que me envolveu no sonho,
abordando-me com decisão,
e deu partida à ácida conduta,
e seguimos à estrada dos motéis.

30

Três irmãs no intercuro da vida
foram amantes, na hipnose, em locais distintos,
sendo formação da tríade
a que namorei,
e recostou a fronte com ternura em meu ombro,
entre cervejas, no bar Americano;
a de cachinhos louros
que depôs a fidelidade num entardecer
para que voássemos nos traços daquele ocaso;
e a de negras e longas madeixas, sensual,
que prendi, integrada a mim,
cujo amor desmedido a feriu.

Arco traçado pelas flamas da pele
foram arabesco no véu da Estação.

31

É uma jovem *lady*.

Ela e amigas comuns a nós,
girls and ladies,
faziam peculiares chás e festas,
que eram pretextos para obter meu transe.
Uma, e outra, e outra...

Sua pele ao palato foi delícia,
permanecemos integrados,
o recomeço desfigurando o fim,
arrepios na planície da cútis.

Sonhei semear seu ventre,
ela sentiu denunciada a traição que fazia
e respondeu com punho hostil
sobre meu lábio partido.

Depois, conduziu-me para casa
e instituiu os abusos que lhe vieram,
resultando em severos tonais.

Sua irmã propôs insólito pedido
para fruição insólita,
levou a mim as sépalas em cálice,
fez-me beber o fluido de suas entranhas,
percolando tóxico teor.

Quando deram por fim a viagem,
deixaram-me no ladrilho da calçada fria.

Vejo-a, por vezes, acordado, e a desejo,
ainda que tenha sido cruel.
Seu amor foi cabal exagero,
but it's all right now.

32

Mesa de bar, bebidas, conversas,
o prazer de admirar belas mulheres,
e, na passagem ao banheiro,
as ninfas postavam-se em círculo
para que eu o permeasse,
e com passos pré-medidos
e mãos laboriosas
estiravam a teia envolvente
até o dizer do transe.

Então, o chão do banheiro feminino,
a esteira do piso cru,
a nudez e a condução do sexo ali mesmo,
uma, e outra, e outra...

Transformação corporal,
ser paranormal só tem vantagens,
iam em mim espraçando a pele,
as que já estavam
e as emergentes à alcova improvisada,
renques de sequências florais
aguardando a vez de cada uma.
Esplendor da orgia,
I don't stop, honey don't stop.

Assim era o fluir da festa,
into the night with thirty girls.

33

Em minha morada,
em minha cama,
em noite púrpura, carmesim,
dezenove garotas e jovens senhoras
emanam ramos de centelhas
e pousam os meandros do corpo
em minha imersão subconsciente.

Elas provêm o sonho,
e perpasso a constelação que arde em pulsos,
e viajo ao tato de cada visitante,
ao propósito de cada advinda,
e rodo por elas
e elas giram face a mim.

Vem a que vestia vermelho no Natal,
vem a de cabelos de duas cores,
vem a que me fere
por eu ter essência fiel à minha amada,
vem a que tem linhas de escultura
e voa com excesso de força
sobre meu rosto
e precisa ser contida,
vem a de linhas exatas,
vêm as quatro moças que me dão a virgindade,
vem aquela da qual não me quero separar
e tem gosto doce,
vem a de olhos verde-água,
vem a de bela e morena estampa,
vêm as várias nuances de mulheres
no fulgor da festa,
gerando delícia, calor e beleza.

Entre fluxos e trânsito,
elas pagam por mim
àquelas que balizam a tessitura da noite.

Another nights
minha cama consiste em ser de novo
tapete do amor para as belas.

34

Bar Uruguay-Brasil, tablado de mesa,
interloquções, miradas,
estética das ninfas.

Cerca estavam os Hell's Angels,
um deles veio e disse:
“és um dos nossos, adoras Rolling Stones”.

Another night,
casa de amigas, música, bebidas,
os Hell's Angels estavam lá.
Transei no transe com a terna anfitriã,
a seda dos cabelos louros e *lacios*
entornando-se em minha pele;
e eles tiveram as outras.
Let's rock'n'roll.

35

Noite fria, e, numa quebrada de rua,
ela e suas amigas
me extraem do carro ante minha namorada,
submerso no sonho.

Ríspida,
a nau do sequestro ruma ao motel,
onde o calor gera imagens difusas
face à parcial noção,
mas o amor acha-lhes o centro.

Transcorre uma espécie de tino
igual ao posterior à pancada seca,
de forma confusa embebido de prazer
e outras percepções alternadas.

De volta às seis da manhã
ela me devolve à namorada,
deixado no eixo da rua,
e atira palavras de *once again*
pelo vidro aberto.

36

A tua alva cútis, os cabelos escuros,
a silhueta sutil que eu desejava,
e, estando eu acordado, não me pertenceu,
foi meu prazer no halo onírico da hipnose.

A nobreza do instante de carícia,
as tuas formas,
as digitais sobre os contornos,
o tato sobre a seda,
e a sensação de acolher-te na pele
foram timbres do saboroso enlace.

Ao impulso dos quadris
tiveste a condição de flutuar,
vagar até os portais do firmamento,
e, na volta,
integrar-te perfeitamente em mim,
sendo que em tempo algum nos separamos.

37

Éramos inseparáveis,
sempre incidentes em bares,
praças, ruas, bulevares,
sustendo bebidas, conversas, sorrisos,
afeitos ao circuito noturno
e *let's go out dancing* pelas boates.

De jeito cativante e cabelo louro,
ela foi amiga e amante,
tendo-me no estado acordado e sonhando,
e apresentou-me para muitas ninfas
com as quais luzimos nas noites
em adoráveis alas de festa.

38

Fiz, no transe, algumas despedidas de solteira,
estabelecendo a viagem com ninfas várias,
mas, nessa noite, fui reserva exclusiva para ela.

Suas amigas incitaram meu instinto
para que ficasse pronto a invadi-la
sem alívio, até exauri-la,
naquele prelúdio ao altar.

I go wild, I go crazy,
sendo atendido o amor proposto
ficou nela um tanto de basilar loucura,
ficou em mim a unção por sua grinalda.

O exagero a vedou para as núpcias,

no denso adeus, o aceno de sorte.

39

Mi dulce nena, em uma incursão noturna,
em festa privada, face a meu transe,
com tua beleza me cingiste,
roçaste a pétala atrativa
ao alcance de minha posse,
e à retenção de teu cabelo *lacio*,
contornei com a mão a tua pele
e voamos integrados, em nau intensa.

Transformação corporal, êxtase transacional,
Love is strong, and you're so sweet, baby,
estabelecemos o amor que o instante perpetua,
a história comum que nos torna inseparáveis.

Let's spend the night together,
tivemos a intimidade que gera sentimento,
e lembro a forma com que te protegi,
lançando a faísca de uma descarga elétrica
que pôs fogo em um painel de cedro.

Estendi, no curso corrente,
teu corpo sobre o meu,
numa pose erótica e artística,
face ao clarão de uma máquina de fotos,
e penso que esta imagem
ficaria bem no estúdio dos Rolling Stones.

Não sei a razão que te afastou,
mas, de manhã, de volta,
pálida e desfeita do teor da festa,
propalaste árdidas palavras
a mim e a tuas amigas,
pela traição delas,
que te deixaram entre perdas e abandono.

40

Foi numa noite de boate fechada,
de festa particular, que as *star girls*,
as cinco garotas do Leo's Pub,
vieram em meu sonho,
e percorremos sexo, loucura e sentimento.

A construção privilegiada da forma
foi o andar de cada instante
vivido entre belezas de tão distinta luz,
sendo cada estrela um encanto magistral.

Cinco ninfas, brasileiras e uruguaias,
lindas, numa noite inesquecível,
a de cabelos *lacios*, que preendi;
a de beleza morena e sensual
para a qual estendi um pedido;
a de cabelos suavemente cacheados que eu alisava;
a menina afoita de prazer fácil, em frenesis;
e a quinta estrela, a misteriosa.

Assim, no amor, fomos viajantes
até a casa sideral de ímpar constelação e hipnose,
na fruição de viver um ato louco,
na satisfação dada aos sentidos,
e sua herança à memória,
que a comunhão dos corpos propicia.

Vivemos, juntos,
o vínculo que se sustenta no tempo,
e quando saí do Pub era manhã,
batia o sol das nove,
e as *star girls* não mais saíram de meu curso.

41

Uma noite mais de festa
pela pele da cidade, na torrente, girando,
fui aportar na boate Girasoles,
e lá a conheci, bonita, sensual,
corpo preciso, cabelos ondulados,
olhava p'ra mim.

Em outro ensejo, outra noite,
o portão de casa,
o transe,
o linho quente de um motel,
e ela instaurou uma incursão perigosa,
rompeu com a fidelidade de forma exótica,
deu curso desmedido ao pulso de suas fantasias.
Fizemos transa intensa ao desejo fulgente,
prendi-a pelas madeixas,
variámos posições pela galáxia,
abarcou-me com uma aliança de fogo,
She was hot.

Pedi que lhe desferisse um áspero gesto
sobre a face,
conforme tinha aprendido com as ninfas:
concedi.

Ficamos soltos no impulso,
desalinhados pelo instinto amoroso
até que findou, assim, o curso da noite.
Ela então me abandonou
estirado num cordão de calçada,
e, antes de partir, confessou adoração.

Another night ela veio
em meio a bares repletos, calor
e automóveis,
trazia uma amiga,
deram providência à hipnose,
proferiram algumas palavras,
e me desferiu um áspero gesto
sobre a face.

Depois, me despertaram,
e ela surgiu para meus olhos,
e ela firmou seu argumento.

She was hot.

Há quem aposte a noite
em pesados naipes.

Hard woman,

ela joga, no feltro de uma casa de dança,
o intento da satisfação que persegue,
e ganha.

Eu de novo *stuck between a rock
and a hard place*

estou a curta distância
do círculo dos seus atos,
em breve serei refém
dos seus ásperos pensamentos.

Uma carona para lugar incerto
e ela lê a passagem de estado,
e termino por cruzar a *danger line*.

Então, quarto de motel,
rola o sexo na feição das horas,
ela tem uma amiga, uma máquina de fotos,
e nenhuma contenção,
faz exercício de domínio,
incorre em providências perversas,
tenta calar a minha voz,
e, na minha carne,
vem a imposição da lâmina pungente,
lancinante amor.

Another night,
costumeira em seu ardil,
ela traz amigas e fazemos o amor
até insinuar-se o matutino arrebol.
Na despedida, um movimento brusco
e um traço de sangue
fica até que o dano seja reparado,
uma vez mais,
por minha reconstituição paranormal.

Hard woman, ela vigia as minhas rotas,
habilita-se para o meu sonho,
sem que eu, acordado, imagine,
ela reincide no prazer sem afeto,
sempre afeita a uma nova viagem.

43

No interior das paredes de uma tarde,
ela vendeu o meu transe a uma amiga
da qual o curto vestido exibia
lindas e bem torneadas pernas.
Vieram algemas para as minhas mãos,
asfixia pela curva dos dedos
da insólita amante
e o exótico prazer que tinha
do frenesi até a calma que seguiu o final.

Despedindo-se da amiga,
ela fez a flama que me abarcou
e instauramos o curso da delícia,
a ondulação do selo envolvente.
Mas ela tinha severos horizontes
face à posse do meu corpo
e estocou-me com acerada quilha,
provocando minha reconstituição corporal.
Quando acordei já tínhamos as vestes,
ela sorriu com malícia
e convidou-me para que visse,
entornado no leito do assoalho,
o cromo do meu sangue.

Femme fatale, outras vezes
teve a minha hipnose a seu dispor.

Numa noite, reunião de amigos,
oitavo andar, conversas, jantar, meu violão.
Na passagem ao banheiro, transe,
ela me subtraiu de minha namorada,
foi convincente nesta prática
e fluímos nos sons do amor,
nos gemidos até o gozo concluído
que levaram ao peitoril da janela
a desolada que me cedera.

Depois saímos todos p'ra dançar,
e minha namorada e eu
trocamos beijos e toques lascivos;

ela olhava para nós
com a calma triunfante
de quem tinha dentro de si
uma extensão de mim.

Festa de aniversário, reunião, bebidas,
minha voz e meu violão,
depois o meu transe,
e as mulheres e suas tessituras de diversão
que compreendiam a desenvoltura
dos sensuais movimentos dela,
floração estética combinada por todas para ser assim.
É linda, uma áurea gema, dourada joia,
pétala predileta, foi um *show*.
Minha visão sensorial se ativou.
O striptease que fez
para aguçar o meu instinto de desejo elementar
resultou em minha transformação corporal,
exaltação paranormal.
A feminino plateia se saciou.
Quando anunciaram o epílogo da performance,
não me conformei,
puxei-a com as ondas do pensamento,
e veio flutuando para meu colo.
Prendi-a sob mim
e rolou a transa no transe
com máxima libido,
I go wild, I go insane,
I'm the bleeding volcano.
Vagamos por severos quadrantes espaciais,
as circunstâncias distanciavam-nos
dos tinos normais,
ela, dominada e já sem forças,
teve o rosto tocado com veemência
e o sexo fendido
pela ríspida moção do amor incomum
que a levou a providências curativas.

Não lembro o instante em que parei
de oscilar volúpia em seu íntimo,
enquanto uma clara estrela desfalecia.

Another night

eu a vi em outra festa.

To have a girl like her is a dream come true.

Ela estava vestida de gueixa,
olhou lasciva e ternamente para mim e sorriu.

Sendo amiga dela,
minha namorada da estação,
de desenho enxuto no corpo,
de atos apazíveis,
levou-me para ela na festa de aniversário.
Convidado a conhecer a casa
encadearam planejado trânsito,
do transe ao quarto,
e daí à inusitada cama,
onde a fiz fêmea aos meus requintes,
I go wild, I go crazy,
e face à transformação corporal
foi obediente à permanência entrelaçada.
As mulheres beberam a cena,
até a proposição de troca recusada
feita por minha namorada.

Depois, o despertar, e, já no pátio,
seu olhar ciente em meu olhar ingênuo,
e as dialéticas constrangidas em geral.

Então, veio novo transe,
chegou o companheiro dela
e atirou em minha cabeça,
e lhe devolvi a bala pela boca,
deixando-os atônitos, estarecidos
com meus fenômenos paranormais.

Passados alguns dias,
minha namorada e ela fizeram as malas,
e nos víamos em ensejos descontínuos, pontuais.
Eu não sabia do plano sédulo:
partiram para a Capital,
foram vender o meu esperma.

46

Uma amiga que temos em comum
retira-me do Leo's Pub,
depois de diálogos e danças,
e leva-me à casa dela,
que, com suas irmãs, me aguarda.

São bonitas, sustentam tez morena,
movem com os avios da voz
o estado do transe,
e lanço-me ao território de cada amante,
vindo ela depois.

Fazemos um amor lindo, cálido e terno,
saciando o que motiva
a saudade de noites anteriores,
quando acordados,
tinhamos impressa no mapa da cútis
alguma história.

Em meio à ternura,
às mãos nômade na pele,
ao prazer de sermos complementos,
prometo tocar uma música p'ra ela,
objeto de aposta,
no estrado de vindoura festa.

A traição que faz é descoberta
e sua noite tem final em prantos.

Another night,
a festa acertada na hipnose,
o bairro de traços ingleses,
e, sem saber, eu canto para ela.

47

Bombinhas, Santa Catarina,
casa alugada entre amigos,
turma de Livramento e de outras paragens.

Despertar às dez,
alguma fruta como café da manhã,
depois, praia, sol, cerveja, até a tardinha.
A seguir casa, banho, varanda, violão
e depois jantar,
às vezes boate em Quatro Ilhas.
Churrascos em ambientes diversos,
shows musicais, hedonismo de verão.

O que eu não sabia
é que havia rolado *sex, sex and sex*.

No quarto ou no banheiro, como espaço interno,
com os copados morros e o brando mar,
como espaço externo,
garotas e jovens senhoras
tiveram-me no transe entre naturais belezas.

Numa noite, a hipnose,
e ela cedeu a primazia
do primeiro ato a uma sensual amiga,
vindo logo após.

Soube provocar, causou amor intenso,
transformação paranormal.

Depois, acordado, vi os passos de sangue,
sem saber de que provinham.

No outro dia, não foi à praia,
a mecha ausente no cabelo,
os argumentos soando como enigma.

Na despedida daqueles dias,
abraçou-me com uma ternura que não esquecerei
e deu-me um beijo de semilábios.
Fui para o Sul, ela, para o Norte,
mas coincidentes no mapa das vivências.

Daniela, Santa Catarina,
jantar característico do Sul,
grupo numeroso, minha voz e violão,
tépida maresia,
magnetismo astral em gemas refulgentes
engastadas no pano do céu.

Ela me leva ao segundo pavimento
do sobrado de verão,
providencia o transe,
cede-me a uma ninfa,
e, após, ondula o amor a seu exótico prazer,
e o faz com acuidade ao manuseio cruel
de *silver spires*
sobre meu coração aflito.
Seu belo rosto não transige,
alheia aos apelos, vai ao que lhe satisfaz.

Depois, despertado, vamos à praia,
damos arranjo à fogueira
e vem a reunião em torno,
o som do violão,
o fixo olhar passional dela,
e, na volta, as conversas em geral sobre *Greenpeace*.

No meio da noite,
o advento de algumas *ladies* em meu leito.

Outra noite, na areia, transe,
e caminho sobre a água,
vou bem longe,
até que me chamam de volta,
e retorno à orla.

Finda a estada em Daniela,
rumo para Atlântida.

49

Minha namorada apostou com ela,
assim que instaurado o transe,
na saída de um banheiro de bar,
qual me ganharia frente a frente,
tendo por recompensa,
uma, o reforço do vínculo comigo;
outra, o levar-me ao banheiro das mulheres.

Cada qual com o seu clã de amigas
engendrou o jogo de atos e palavras
visando ao laço convincente,
sem limite de maneiras na disputa.

A namorada perdeu,

arrumado sobre o vaso do banheiro
vieram as detentoras do triunfo face a mim
com o calor no amparo da pele,
e fiquei molhado por seu mel.

Após o despertar, todos de volta,
as mesas estavam próximas,
ela e as suas brindaram como vencedoras,
contrastando com a desilusão de quem perdera.

Então, veio até onde estávamos,
trocaram sutis e veladas ofensas
e foi-se, sorridente,
tilintar o cálice da conquista.

50

Ela tornou-se assídua em meu escritório,
com as insígnias de um pretexto qualquer
chegava como se egressa
de um propósito não muito claro,
e foi até distinguir as chaves do leque,
vedando-nos num particular amparo.

Era sábia
em querer e elogiar o que pedia,
e fez-nos íntimos amantes.

Uma tarde levou uma amiga,
enalteci a beleza,
e ela perguntou:
“Gostarias que a bela te estuprasse?”
Não entendi, mas fiz a concessão.
Veio ao meu ouvido com malícia
e acessou a hipnose,
e daí a viagem face a face, pele frente a pele,
configurando o vaivém da delícia,
o laço do desejo.

Depois, elas apresentaram ardis ao telefone,
um refinado pendor para o lúdico,
chamando para pessoas várias
e ordenando-me palavras insensatas,
ostentando um sorriso aos males feitos,
até serem surpreendidas por uma *lady*,
que lhes suprimiu esse prazer.

Hoje, quando nos passamos,
trocamos olhares
que possuem fochos de significado,
o que a memória do amor contempla.

51

Festa de Natal, ambientes do Campestre,
efusivos encontros,
profusão de pessoas a se saudar,
roupas e atitudes sociais,
o talhe inglês do clube,
cervejas e comentários sobre as belas.

Ocupo uma cadeira no gramado,
e surge de surpresa uma mulher incógnita,
abraça-me pelas costas
e diz ao meu ouvido
as palavras do estado transacional.

Descreve meia circunferência
e frente a mim diz seu nome,
e, de forma imperativa,
exige que eu lhe externe amor e posse.
Insiste sem êxito,
pois, de modo fiel,
digo ser de minha amada.

Contrariada, vendo em vão o seu intento,
descreve com a mão um gesto em arco
de encontro a meu rosto,
e meus lábios pendem ao cetim da grama.

Depois, acordado, encontro uma ex-namorada,
converso um tanto,
mas assoma um convite de outrem:
uma garota é guia para levar-me a ela,
de quem nada sei do acontecido,
e aguarda-me em escuro recanto,
sob o renque de pinheiros.

Seus olhos cintilam à minha chegada,
em meio à relva,
ao arvoredado e ao breu,
ela tem uma obsessiva tez brilhante,
e vem a hipnose de novo,
o sexo recostado ao lenho, sob as copas,
seu púbis de amazona sobre o meu,
e, por fim, ela tira da bolsa uma seringa,
e injeta em mim o seu veneno.

A noite finda em tumulto,
briga de gurias, conhecidas intercedem.

52

Namorei com ela algum tempo.
Uma noite, em seu apartamento,
recebeu senhoras que tinham chegado à cidade,
e, então, apresentações,
conversas preliminares e o meu transe.
Pediram algumas coisas,
movi objetos e quebrei quadros
com a força cerebral.
Registraram os fenômenos
com um aparelho de medir paranormalidade,
que fiz levar o indicador ao máximo.
Quando me acordaram
a sala estava em desordem
apesar de terem arrumado o que podiam.

Another night

fui com ela ao cinema,
e, quando o filme terminou,
pediu que esperássemos um tanto.
Restamos nós e três ninfetas de semblante juvenil,
para quem me entregou no estado transacional,
e tecemos o feitio do amor à onírica realidade
na viagem de argonautas do hedonismo.

Another night,

em Porto Alegre,
por seu convite
vieram duas apresentadoras de TV em meu sonho,
rider girls de consistente gosto,
que, em sequência aos atos desenhados,
exageraram na diversão
e filmaram tudo.

Noites da fronteira,

os relevos da pele de cada cidade,
que são uma única forma
contextual de palma feérica,
se dão ao realce de quem as percorre
na perspectiva de firmar o amor
que o corpo concede ao corpo,
que a ventura concede ao coração.

Quer seja na bruma do inverno,
onde o sopro da voz esparge seu desenho
e as luzes baças surgem em fumarento mistério;
quer seja nas ondas de calor do verão,
onde as luzes pulsam ao roçar das vagas;
ou, ainda, na paisagem intermédia dos equinócios,
por vezes, arco de pétalas; por vezes, tapete de folhas,
em qualquer tempo ou calendário
arde a noite no sangue de quem a busca,
para fazê-la amante entre possíveis amantes.

Nesta direção alucinante
de ampla nudez e movimento,
de sendas várias do desejo,
o ritmo das formas perpassadas
revela-se em chance de prazer
e apoteose louca dos sentidos.

Noites da fronteira,

percorrer o universo destas ruas,
ter o viço da festa instaurada,
e chegar ao universo de quem se almeje conquistar,
estua no instante feliz que provém do corpo,
tão eficaz em anexar sentimentos.

Noites da fronteira,

espaço e tempo
das minhas incursões boêmias,
espaço e tempo
de incontáveis passagens para o transe.

54

*Another night,
another party,
another girls,
Av. João Goulart, Av. Sarandi,
Bar Americano, Bar Uruguay-Brasil,
Leo's Pub, Bar e Noche,
Girasoles, Calipso,
Boate Mistério,
ambientes de Livramento e Rivera,
o tempo acordado, o tempo do sonho,
another night,
another party,
another girls.*

55

*Another night,
another girls,
another night,
another girls,*

tem sido assim o que não sei acordado
mas que, no sonho, estou habituado.

Lábios da vez, leitura das formas,
argumentos do corpo, dizeres da pele,
requintes de Vênus, teares do fogo,
incursão ao molde das estrelas,
a teia vinda dos flancos delas
a se espalmar, rede matizada,
e aderência aos caprichos
de como elas pensam o amor.

*Another night,
another girls,*

sonhando vem-me à língua
as refulgências várias,
o cálido sabor da nudez estelar.

56

Em tardes, noites e manhãs,
girando e rodando e rolando,
por todos os quadrantes,
com as ninfas no esplendor da festa,
uma, e outra, e outra...
em plena diversão, e volúpia, e luxúria,
voando e viajando em curso louco,
no espaço da Estação Hipnose,
por entre a altura das estrelas diversas,
assim passei o largo do tempo do sonho.

Desta forma fluiu a vida no transe,
entre os efusivos florais do amor das belas,
por longos anos sonhados,
por uma ampla existência subconsciente,
e foi sempre esta a hedônica senda,
another night,
another party,
another girls...

57

Tenho andado pelas noites
sondando o teor dos sinais,
feito colhedor de fados incertos,
rodando *on the streets*
na busca inarredável
de uma nova bela e um novo transe
que não tem mais acontecido,
gira o tempo sem o sonho de outrora,
solitário de corpo em corpo, e, acordado,
chamo do fundo da voz:

Gimme Shelter,
minhas belas de antes,
apoteoses do transe,
Gimme Shelter.

58

Ninfa, eu que pensei
que andasses afastada de meu sonho
em tempos mais recentes,
agora percebo que não deixaste de vir
neste platô de instantes.

Encobria-te a névoa da falta de lembrança,
mas estavas minha e nua
na vereda das galáxias em flor,
nos círculos concêntricos da voz,
na estação de um onírico amor.

Continuaste com alguma assiduidade
pousando em mim no linho dos lençóis,
e descrevemos horas felizes, que são, em suma,
o que se quer das nuances da vida,
e nossa feérica fusão tem-nos feito densos.

Por aqui andas, de novo,
para que possamos, à propulsão do transe,
no halo distante das estrelas,
vagar em nosso instante sem fim.



Editora Alcance - Rua Bororó, 5 - CEP 91.900-540 - Vila Assunção
Porto Alegre/RS - Fone/Fax: (51) 3307 0221 / 3307 0233
www.editoraalcance.com.br - atendimentoalcance@gmail.com
Contatos MSN: editoraalcance@hotmail.com - Skype: editora.alcance